

Resenha

SILVA, Rafaela Ferreira da. Reforma Ultramontana e “il tanto vantato cattolicismo del Sul de Minas”: os Carmelitas Descalços na diocese de Pouso Alegre-MG (1911-1922). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Reforma Ultramontana e Carmelitas Descalços no Sul de Minas

Ênio José da Costa Brito*

“A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas. Nessa brecha se insinuam as reformulações e as apropriações e as resistências” (Roger Chartier – p.78, nota 268)

Introdução

A leitura da dissertação de Rafaela Ferreira da Silva, intitulada *Reforma Ultramontana e “il tanto vantato cattolicismo del Sul de Minas”: os Carmelitas Descalços na diocese de Pouso Alegre-MG (1911-1922)*¹, me proporcionou uma viagem no tempo, ao captar a “dinâmica religiosa” presente no Sul de Minas, “dinâmica” dentro da qual vivi durante minha infância e adolescência.

Por ocasião da qualificação², fiquei impressionado com a pesquisa apresentada pela autora, que levantou e consultou inúmeras fontes, colhendo uma profusão de dados. No texto final, soube selecioná-los e organizá-los, obtendo um ótimo resultado. Texto claro e bem fundamentado. Com algumas repetições, que numa revisão para uma futura publicação, podem ser eliminadas. As sínteses elaboradas ao longo do texto ajudam o leitor a não se dispersar.

Quanto à importância da pesquisa, há muito que dizer. Ela dá uma contribuição significativa para a História Eclesiástica e para a História Geral do Brasil, ao fazer memória da atuação dos Carmelitas Descalços no Sul de Minas.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP. E-mail: brbrito@uol.com.br

A presente pesquisa estuda o processo de Reforma Ultramontana do catolicismo brasileiro, através da atuação da Ordem dos Carmelitas Descalços da Província Romana, nas paróquias sul mineiras de Cambuí e do Senhor Bom Jesus do Córrego no período de 1911 até 1922. O recorte temporal desta pesquisa inicia-se em 1911, quando são fundadas as casa de Córrego do Bom Jesus e de Cambuí e se estende até 1922, quando a fundação de Cambuí é fechada e os teresianos se retiram do sul de Minas Gerais (p. 1)³.

Sabemos da importância de uma História Regional para a elaboração de um Historia Geral. A bibliografia consultada para analisar o processo de Romanização, ocorrido no Brasil, é de ótima qualidade. Além disso, toma o cuidado de não universalizar a categoria da romanização, tentação de muitos historiadores. No Brasil, a romanização se deu tardiamente, com fortes marcas locais, isto é, em alguns lugares foi mais intensa noutros não.

É possível debruçar-se, um pouco mais, sobre o termo, criado durante os embates entre os Ultramontanos e Liberais e usado para designar na perspectiva dos Liberais, o caráter negativo do processo de expansão da Sé Romana. Torna-se clássico na década de 1970, por conta da renovação da História da Igreja, que recebe influências das ciências sociais e da Teologia da Libertação (TdL). Na década de 1980, é revisto ao aproximar-se do conceito de autocompreensão do catolicismo, desenvolvido por autores como Alberico e sintetizada na obra de Augustin Werner⁴. A noção de autoentendimento da Igreja tornou-se o princípio organizador das várias fases do catolicismo no Brasil, desde o tradicional ao ultramontano renovado⁵.

Como já mencionei, a pesquisa está respaldada por uma ampla documentação. Costumo dizer que o historiador(a) precisa ter um pouco de sorte, e Silva teve muita sorte na sua pesquisa, conseguiu uma ampla documentação.

Ainda, hoje, encontramos uma escrita historiográfica sobre a Igreja, feita a revelia da Documentação. É verdade, que não é fácil ter acesso aos arquivos eclesiásticos – as dificuldades são inúmeras –, há exceções, como a do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, onde o pesquisador tem seu trabalho facilitado por uma atenciosa equipe.

Muito positivo não ter colocado o “Sul de Minas” numa redoma, apresentamos um “Sul de Minas” conectado, com o que está ocorrendo no Brasil na primeira metade do século XX.

Evitou armadilhas de trabalhar com modelos dicotômicos: catolicismo popular e ou tradicional versus catolicismo ultramontano e ou oficial. Deixou este modelo para Peter Burke, que discute cultura popular na Europa numa perspectiva dicotômica⁶.

Realizou uma escolha adequada ao optar pelos termos “religiosidade local” e “catolicismo local” para referir-se às especificidades das práticas religiosas. “Desse modo, utilizamos os termos ‘religiosidade local’ e ‘catolicismo local’ para nos referirmos às especificidades das práticas religiosas verificadas nas paróquias sul mineiras de Cambuí e de Córrego do Bom Jesus, no período de 1911 até 1922” (p. 6).

Ao longo da leitura, anotei algumas questões que foram respondidas pela autora. Passo a enumerá-las: de quem partiu o convite e o aval para a criação de uma Missão em terras brasileiras; como se concretizou efetivamente a fundação; quais as dificuldades encontradas e os progressos alcançados; foram os teresianos agentes da reforma buscada pelos bispos; como se houveram; interviram na realidade do catolicismo popular; porque os religiosos vieram somente no início do século XX, quando existiam pedidos desde a metade do século XIX e quem estaria apto para a missão no Brasil? Como se pode constatar não foram poucas as questões trabalhadas ao longo da dissertação.

Após estes primeiros comentários, passo a seguir a olhar mais de perto da estrutura da dissertação, dando conta da leitura feita, tecendo breves comentários e deixando tópicos para a reflexão dos leitores.

1. Introdução da dissertação

Prepara o leitor para recepção do texto ao esclarecer qual é seu objeto de estudo:

a presença dos Carmelitas Descalços nas paróquias de Cambuí e Senhor Bom Jesus do Córrego, refletindo como se elaboraram as relações entre as formas impostas; do catolicismo ultramontano e as identidades sempre reafirmadas pelos leigos presentes nos ritos e práticas da religiosidade local (p. 1).

Ao esclarecer quais as razões motivacionais da sua pesquisa e as fontes⁷, contextualizando no âmbito europeu e brasileiro o projeto ultramontano e suas estratégias.

Com este tríplice movimento, proporciona ao seu futuro leitor uma primeira aproximação da dinâmica instituída para desvelar a ação dos teresianos e seus resultados.

2. A diocese de Pouso alegre e os teresianos: percursos e descaminhos de uma reforma (p.14-55)

O capítulo introduz o leitor na problemática ultramontana e na história dos carmelitas descalços, mencionando as diferentes intencionalidades ou expectativas: do bispo Dom Antonio Augusto Assis (1909-1916), segundo bispo de Pouso Alegre, ao convidar a Ordem dos carmelitas para assumir trabalhos pastorais no sul de Minas e da ordem ao acolher o convite⁸.

Intencionalidades contextualizadas no âmbito europeu e brasileiro. Finaliza o capítulo traçando o perfil sócio-político-econômico e religioso das duas comunidades que acolheram os teresianos⁹.

Chama atenção no capítulo, o fato das paróquias do Sul de Minas despertarem o interesse ou preocupações nos bispos paulistas. A razão está na presença na região de um clero não reformado, político, além de uma acentuada atuação leiga e a área ser de litígio, entre as dioceses de Mariana (MG) e São Paulo¹⁰.

É, portanto, a partir do Bispado de São Paulo e da ação de seu clero não reformado, que estas localidades cresceram durante o século XIX. Em fins do referido século, este clero eminentemente político ocupa posições de liderança na cena política local, com destaque para padre José Figueiredo Caramuru, Presidente da Câmara de Cambuí nos anos de 1895/1896-1898 e Vice-Presidente nos anos de 1900, 1901, e de 1902 até 1905 (p. 50).

Um tópico a ser mais explorado é a situação da Igreja do Brasil no momento da proclamação da República e de suas estratégias de sobrevivência¹¹. Momento delicado para ambas as instituições. A Igreja rapidamente implementou um processo de estadualização diocesana, assegurando, assim, sua presença em todo o território nacional.

3. De olho no “vangloriado catolicismo desses brasileiros do Sul de Minas” (p. 56-109)

Num primeiro momento, o capítulo apresenta, com precisão analítica, a tentativa das autoridades eclesiásticas de instituir em Cambuí e Córrego novos modelos de associações para leigos, novas devoções romanizadas. Em seguida, mostra a recepção por parte do povo leigo, que mesmo acolhendo uma ou outra iniciativa dos carmelitas, soube preservar seu “catolicismo local”. Tentou-se, assim, instituir as seguintes associações: Conferências de São Vicente, das Senhoras de Caridade, da Congregação da Doutrina Cristã, da Confederação do Espírito Santo, do Sagrado Coração de Jesus e o Apostolado da Oração. Na realidade, a única instituída foi a do Apostolado da Oração, em Cambuí de 1914 a 1922 e em Córrego de 1914 a 1916.

Entre as diversas informações apresentadas no capítulo, encontramos uma relacionada com as festas de Santo, celebradas fora de época. Para o leitor, seria bom se pudesse além de constatar que ocorreram, descobrir, tentar apontar as razões da mudança de data. No Sul de Minas, isto ocorria com certa frequência. Eu mesmo orientei uma dissertação intitulada: *São Sebastião no pedaço mineiro*. A comunidade de Três Barras celebrava a festa no mês de julho¹².

A dissertação confirma mais uma vez, que os estudos culturais históricos e sociais da religiosidade popular só avançam, quando se abrem para uma epistemologia, capaz de levar em conta como o povo histórico e culturalmente pensa e imagina acontecimentos, doutrinas e experiências.

Entre as muitas pontuações feitas, temos a da resistência dos leigos às imposições de cunho ultramontano. Vale a pena lembrar que os colonos portugueses trouxeram o Deus Senhor e juiz amedrontador envolto em muitos santos. Se os atos de culto ao Deus Juiz se restringiam basicamente à penitência, sinalizando um “não” à vida, o culto aos santos significava um sim, que eclode. Ele confere aos fiéis a afirmação da vida sob os auspícios do santo padroeiro¹³.

Para os santos há orações, benditos, purificações, procissões, danças, bailes, folguedos, mutirões, compadrio, romarias, festas, música e promessas. A grande variedade de cultos direcionados aos santos sinaliza que as necessidades vitais do povo estão sendo atendidas.

Tendo presente que a festa ao Bom Jesus é a maior expressão regional de religiosidade, “com efeito, a importância da festa do Bom Jesus é incontestável desde 1872”(p. 90), pode-se falar um pouco mais sobre esta devoção, no Brasil são inúmeros os santuários dedicados ao Bom Jesus. Faz-se necessário, não só constatar a presença da devoção, mas procurar avançar na compreensão da mesma.

Esta devoção não deve ser considerada, apenas como incentivo à resignação, interpretação corrente em vários textos de estudiosos da religiosidade popular. Antonacci, num precioso ensaio intitulado *Artimanhas da História*, mostra-nos como nesta devoção, Cristo penitente é visto como aliado, companheiro, ele sofre com o povo, ele dá coragem para viver. A presença do bom Jesus Sofredor, cria no povo uma resistência diante das tribulações e denuncia o descaso das autoridades. Assim o povo, assumindo o sofrimento, manifesta a consciência de ser injustiçado e exhibe seu protesto contra o mundo que o faz sofrer (Antonacci, 2014, p. 67-106)¹⁴.

Impressiona o leitor a preocupação do Bispo e dos teresianos com a contabilidade, há sempre uma “contabilização” do número de sacramentos.

Sobre o número de sacramento administrados e registrados por ocasião da visita pastoral, é o próprio termo da visita que nos informa que foram 160 comunhões, 2 matrimônios e 230 crismas, números pouco representativos diante da estimativa da população que, de acordo com frei Bindí, nesse ano girava em torno de 3.500 habitantes (p. 69)¹⁵.

No capítulo terceiro tomamos contato com ilustrativos quadros de balanços dos sacramentos. “Com a finalidade de entender como essas populações vivenciaram a ação de admoestação realizada pelos carmelitas descalços pela frequência aos sacramentos no decorrer do período de gestão teresiana” (p. 163). Inicia pelo quadro dos sacramentos do batismo, seguido dos óbitos e extrema-unções, de matrimônios, crismas e comunhões realizados em Córrego de 1911 até 1921.

Pode-se perguntar, qual a razão desta constante preocupação com a contabilidade das práticas religiosas? Não se pode esquecer, que nesse período, a Igreja se compreendia como “sociedade perfeita”, a participação nos sacramentos era indicativa da pertença dos fiéis a mesma.

Silva relembra um outro fato, que desperta a atenção do leitor, uma *única associação*, em onze anos de trabalho com o povo, que foi implantada, o Apostolado da Oração. Não deixa de ser impressionante a resistência dos fiéis às imposições de novas práticas devocionais, o que indica, também, o quanto estavam arraigados às suas práticas tradicionais¹⁶.

A autora faz uma referência às festas e ao esforço realizado para reformá-las, por parte dos carmelitas, visando “promover a honra e o esplendor das festas religiosas” (p. 96). À medida que as apresenta, deixa claro que o clero, na figura do bispo e dos padres, não consegue enxergar nas festas populares a sua dimensão de sociabilidade, solidariedade, construção de identidade, espaço para preservar traços culturais, espaços de resistência. Festas não ocorriam dissociadas das realidades nas quais os sujeitos estavam inseridos.

4. Entendendo a missa ideal e a Missa relativamente litúrgica... (p. 110-190)

O capítulo busca entender a atuação dos teresianos no Sul de Minas frente às práticas do catolicismo local, para a autora a pesquisa

permitiu lançar luzes sobre as práticas da religiosidade presentes nestas duas comunidades, para assim compreendermos o embate entre os sujeitos envolvidos, com a finalidade de compreender como se dá o conflito-negociação-apropriação entre catolicismo local e o catolicismo ultramontano (p. 12).

Para atingir este objetivo, esquadrinha as estratégias utilizadas pelos carmelitas descalços para tentar implantar a reforma das práticas do catolicismo local, “ao propormos tal análise, buscamos entender como as populações locais se engajaram e participaram dessas ações de reeducação desenvolvidas pelos teresianos e se tais estratégias da Igreja Católica conseguiram modificar as práticas do catolicismo local” (p. 113).

Quando reflete sobre as missões, poderia ter mencionado a *Missão Abreviada*, livrinho de uso de todos os missionários, uma espécie de “Vade mecum”¹⁷. Informa o que deve ser pregado, por exemplo, na pregação sobre o inferno: aponta os tópicos que devem ser explicitados. A tese do Neto “Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas” sobre os missionários redentoristas, deu um bom suporte as reflexões apresentadas¹⁸.

Frei Dorelli afirma que um dos pilares do “vanglorioso catolicismo” sul mineiro era a grande preocupação com a boa morte, vista na crença da população na missa do sétimo dia de morte e na crença às almas (p.119)¹⁹. Na reflexão, abre um diálogo com textos muito significativos sobre o tema. Vale lembrar um que discute longamente a temática da “**boa morte**” de Claudia Rodrigues, intitulado *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*²⁰. Nesta obra, a autora além de discutir a secularização dos cemitérios, apresenta vários manuais de bem morrer. O mais importante deles, o do jesuíta Estevan de Castro, que teve mais de 100 edições, intitulado: *O breve aparelho e o modo fácil para ensinar e bem morrer a um cristão (1621)*.

A língua portuguesa foi um dos muitos desafios enfrentado pelos teresianos, tanto que Frei Dorelli menciona o fato. O curioso é que diz ter dificuldade com a nasalogia, o meglio, il nasologismo ou seja, “a nasalidade presente na língua portuguesa falada pelos habitantes destas localidades” (p.135). Cabe aqui uma observação importante, a nasalogia tem a ver com a oralidade, povos de tradição oral nasalizam.

Todo este empenho na renovação da Paróquia tem sua fonte no Concílio de Trento, nas *Actas y Decretos del Concilio Plenário de la América Latina* e nas Pastorais Coletivas de 1911 e 1915²¹. Até hoje, a questão paroquial é o calcanhar de Aquiles do projeto pastoral da Igreja latino-americana. Recentemente, a Conferência Episcopal do Brasil lançou, após uma ampla consulta, o Documento100, aprovado na 52ª Assembléia dos bispos, intitulado *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*²². Para Souza, “no sexto capítulo, das proposições pastorais, ao invés de estabelecer um diálogo com a sociedade hipermoderna e fazer da paróquia uma interlocutora com esse ser humano paradoxal, ele [documento] optou por retroceder e ficar na sua zona de conforto (Souza, 2015, p.179).

Nos anexos, a autora apresentou algumas fotos do período, visando proporcionar ao leitor um reconhecimento das localidades onde se efetuou a ação dos teresianos nos períodos de 1911 até 1922.

Uma palavra final

Rafaela Ferreira oferece aos seus leitores um cuidadoso estudo de fontes primárias, visando colher o que resultou do encontro de duas culturas. Visualiza nas manifestações culturais religiosas estruturas de permanência histórica, que correspondem a uma “estética popular”. Assim, procurou entender eventos ou acontecimentos, que colocam em movimento estruturas históricas de longa duração. Confirmando que os eventos têm força para imprimir novos rumos ao curso da história, ou seja, eventos também podem produzir história, como já nos lembrava Marschal Sahlins.

No entanto, mais que os dados, a autora está interessada na recepção. Neste ponto, é interessante notarmos que, ainda que com intenções bem distintas, os registros dos teresianos acabam por apontar para a convivência de elementos do catolicismo ultramontano, visto nas cerimônias, nos tríduos e sacramentos com elementos que são encontrados com frequência nas manifestações do catolicismo local, como a presença de bandas, a pouca frequência aos sacramentos, a preocupação com os enfeites das imagens nas procissões. O que nos permite identificar uma participação efetiva dos fiéis e de estéticas populares em sujeitos diversos.

Concluo com a autora,

ao final do período de permanência dos teresianos nas referidas paróquias, predominou nas práticas locais a força da religiosidade anterior que, contudo foi ressignificada pela relação com os teresianos, os quais durante seus paróquios adotaram e toleraram muitas das devoções presentes na forma com as referidas populações vivenciam sua fé (p. 194).

Referências bibliográficas

ANTONACCI, A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2. ed. São Paulo: Educ, 2014.

BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa. 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: a conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: CNBB, 2014 (Documentos da CNBB, 100).

DELUMEAU, J. *O pecado e o medo*. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18) São Paulo: Edusc, 2003.2v.

GOMES, E. S. O. *Catolicismo nas tramas do poder. A estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930)*. Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

HAUCH, J. “Visão dos Padres holandeses e alemães sobre o clero brasileiro e a devoção popular”. In: DREHER, M. (Org.). *Imigração e história da igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993.

NETO, L. D., *Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas: uma contribuição à história das missões redentoristas, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais*. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2006.

OTTEN, Alexandre. Deus é Brasileiro, In: *Vida Pastoral*-novembro-dezembro de 1999, p.13-23. RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005

ROSA, Flávio. *São Sebastião no pedaço mineiro*. Festa temporana em Louvor a São Sebastião Mártir no povoado de Três Barras-Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

SOUZA, Edcarlos Isaías de. *Comunidade de comunidades: a conversão pastoral da paróquia*. Dissertação de Mestrado em Teologia da Missão, São Paulo, Instituto Teológico São Paulo (ITESP), 2015.

SOUZA, Silvia de Luz. “A recomendação das Almas”. Estudo de uma Devoção Popular no Sul de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

TORRES- LONDOÑO (Org.). *Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica*. São Paulo: 1997.

VILHENA, Maria Ângela. *Salvação solidária*. O culto às almas à luz da teologia das religiões. São Paulo: Paulinas, 2012.

WERNET, A. *A Igreja Paulista no século XIX: A reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.

¹ A Diocese de Pouso Alegre foi instituída pela Bula Papal *Regio Latissime Patens*, em 04 de agosto pelo papa Leão XIII.

² Trata-se de uma primeira avaliação da pesquisa feita por uma banca examinadora.

³ Dissertação de Mestrado em História Social defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 9 de abril de 2015. A banca foi composta pelos professores doutores, Yvone Dias Avelino (Orientadora); Edgar da Silva Gomes e Ênio José da Costa Brito.

Nesta citação e partir dela passaremos a indicar apenas a página da Dissertação. Disponível em www.sapientia.pucsp.br

⁴ WERNET, A. *A Igreja Paulista no século XIX: A reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987.

⁵ A importância deste conceito está no fato de que o autoentendimento, a autocompreensão que a Igreja tem de si, determina a sua concepção de missão, assim, ao compreender-se como *Societas perfecta*, o axioma “*extra ecclesia nulla salus*” (fora de Igreja não há salvação) dinamiza a missão que visa trazer todos para o seio da Igreja.

⁶ BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa. 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁷ Para termos a ideia da riqueza de fontes utilizadas pela autora, passo a enumerá-las: “o periódico ilustrado da Ordem dos Carmelitas Descalços, *Il Carmelo*, o Livro de Tombo n° 1 de Córrego do Bom Jesus, o Livro de Tombo n° 3 de Cambuí, o manuscrito intitulado *Appunti Storici della nostra missione nel Brasile*, o jornal católico *Tribuna Sul Mineira*, as Pastorais Coletivas de 1911 e de 1915, as *Actas y Decretos del Concilio Plenário de la América Latina*, além de documentos avulsos encontrados na Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Pouso Alegre, no arquivo da Província São José dos Carmelitas Descalços (em São Paulo), na cúria Generalícia da Ordem dos Carmelitas Descalços e no Arquivo da Província Romana dos Carmelitas Descalços, ambos em Roma” (Cf. Resumo)

⁸ “Ao longo da primeira metade do século XX, três bispos conduziram o bispado de Pouso Alegre: Dom João Batista Nery (1901-1909), Dom Antônio Augusto Assis (1909-1916) e Dom Otávio Chagas de Miranda (1916-1954). Os dois últimos podem ser considerados, de forma geral, continuadores do processo reformador implantado por Dom Nery” (p. 4).

⁹ Alguns termos que aparecem no capítulo merecem uma explicitação, como conventualidade (p.34); Propaganda Fidei (p.35) e Acordo de Rubim de 1749 (p.50).

¹⁰ Tanto a Diocese de Mariana quanto a de São Paulo foram criadas por Bento XIV, em 1745. A de Mariana é elevada a Arquidiocese em 1906. Com a criação da Diocese de Campanha em 1908, a diocese de São Paulo é reduzida ao ceder alguns de seus territórios.

¹¹ Para uma ampla visão envolvendo a política do Estado Brasileiro e da Igreja, ver GOMES, E. S. O. *Catolicismo nas tramas do poder*. A estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930). Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

¹² ROSA, Flávio. *São Sebastião no pedaço mineiro*. Festa temporana em Louvor a São Sebastião Mártir no povoado de Três Barras-Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

¹³ Alexandre Otten, no artigo publicado na *Vida Pastoral*-novembro-dezembro de 1999, p.13-23, intitulado “Deus é Brasileiro”. Uma leitura teológica do catolicismo popular tradicional, faz uma minuciosa análise da imagem de Deus que os colonos trouxeram e ainda se faz presente no catolicismo popular.

¹⁴ ANTONACCI, A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2014.

¹⁵ “De fato, no que se refere à frequência dos sacramentos entre as populações das duas paróquias mineiras, é interessante observarmos que Edmondo Fuscuardi em sua obra *Cenni Storici sui Conventi Carmelitani*, afirma que, durante a primeira visita pastoral de Dom Assis a estas localidades, a autoridade diocesana teria utilizado o termo *caldaia d’inferno (caldeirão do inferno)* para referir-se à pouca frequência aos sacramentos nesta região” (p. 69).

¹⁶ Muitos missionários perceberam a força do catolicismo local e até dela se utilizavam, como a autora nos relembra (p.148). Para fundamentar esta afirmação, ver HAUCH, J. “Visão dos Padres holandeses e alemães sobre o clero brasileiro e a devoção popular”. In: DREHER, M. (Org.). *Imigração e história da igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993.

¹⁷ *Missão Abreviada* foi escrito por Manuel José Gonçalves Couto, publicado em 1859 em Portugal. Teve inúmeras edições ao longo do século XIX, podia ser encontrado nas colônias portuguesas com facilidade.

¹⁸ NETO, L. D., *Das terras baixas da Holanda às montanhas de Minas: uma contribuição à história das missões redentoristas*, durante os primeiros trinta anos de trabalho em Minas Gerais. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2006.

¹⁹ A devoção às almas é muito intensa em todo o território nacional. Ver SOUZA, Silvia de Luz. “A recomendação das Almas”. Estudo de uma Devoção Popular no Sul de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. A autora estuda a *Recomenda das Almas* na comunidade do Pinhalzinho, lugarejo do Sul de Minas Gerais, tendo como pano de fundo o contexto da cultura religiosa popular mineira. Devoção presente também nas grandes cidades, como nos mostra VILHENA, Maria Ângela. *Salvação solidária*. O culto às almas à luz da teologia das religiões. São Paulo: Paulinas, 2012. A autora realiza uma pesquisa de campo em dois importantes velários da cidade de São Paulo.

²⁰ RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Apesar de existirem documentos “oficiais” do magistério da Igreja instruindo sobre o significado e a compreensão que se deveria ter em relação à morte e a salvação de cada indivíduo, dificilmente estas orientações chegavam a todos os fiéis, daí o surgimento dos manuais de bem morrer. As *Ars moriendi* utilizavam-se de uma pedagogia do medo. Ver, DELUMEAU, J. *O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)* São Paulo: Edusc, 2003.2 v.

²¹ Para uma visão histórica da problemática paroquial no Brasil, ver TORRES- LONDOÑO (Org.). *Paróquia e comunidade no Brasil: perspectiva histórica*. São Paulo: 1997.

²² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: a conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: CNBB, 2014 (Documentos da CNBB, 100). Para uma análise crítica do documento, consultar SOUZA, Edcarlos Isaias de. *Comunidade de comunidades: a conversão pastoral da paróquia*. Dissertação de Mestrado em Teologia da Missão, São Paulo, Instituto Teológico São Paulo (ITESP), 2015.

Recebida em 23/09/2015, revisada em 01/10/2015, aceita para publicação em 28/10/2015.